

Reportagem: As pedras que ainda vivem na Igreja de São Vicente

A igreja remota a um tempo primitivo. Hoje, sente-se a falta daqueles que outrora a viviam como segunda casa. Qual será o seu destino?

No cartório de São Vicente, ainda decorado com enfeites de Natal, múltiplas gerações aguardavam a sua vez. Uma a uma entram após a chamada de João Paulo, Padre da Paróquia, “Cónego mais novo, Chanceler da Diocese e, ainda, conselheiro do Senhor Arcebispo”.

Enquanto falava sobre o seu papel na Paróquia de São Vicente, saltou-lhe a tampa da caneta que era trocada de mão em mão ao ritmo do seu nervosismo, aspeto que não o inibiu de refletir sobre a adesão à igreja. Afirma “sentir que as pessoas estão a aderir cada vez menos” e aponta como principais motivos, não a falta de fé, mas as diversas ofertas de lazer.

A poucos metros de distância, a mesma opinião é partilhada pela catequista de 73 anos, que afirma ter um nome muito bonito, Natália da Liberdade Silvério Sampaio Almeida. A catequista constata que o mesmo se verifica na quantidade de catequizandos. Esta diminuição conduz a uma adaptação necessária na forma de fazer catequese, sublinhando que a catequese não se dá, a catequese faz-se.

Tencionam tornar a catequese mais dinâmica, “sentamo-los no chão, numa roda. Vamos interagindo com eles, transmitindo que a catequese se faz no dia a dia de cada pessoa. Antigamente, havia uma fixação com os ensinamentos das orações, hoje, estas são transmitidas através de exemplos do quotidiano.”

Sentada no seu cadeirão, cobrindo as suas pernas com a típica manta aos quadrados, fala com admiração da igreja onde cresceu, apelando ao orgulho que todos os paroquianos de São Vicente deveriam sentir. Afinal, é a única igreja que tem as insígnias papais e “como eu costumo dizer, é uma prima direta da primeira igreja, que é a igreja de São João de Latrão, a primeira igreja de Roma”.

A Igreja de São Vicente está inserida no roteiro turístico de Braga, recebendo, por isso, diversas visitas. Natália da Liberdade reconhece que “uma coisa engraçadíssima se verifica, as pessoas que vêm, estrangeiros e turistas, veem, filmam e tiram fotografias, mas não vão lá dentro, e lá dentro há uma riqueza excecional”.

O espaço interior do corpo da igreja de São Vicente é totalmente revestido por azulejos setecentistas, de tonalidades azuis e brancas, narrando os diversos episódios da vida do mártir. Mosaicos estes que foram recentemente renovados, uma vez que “na maior parte da igreja caíram e uma conterrânea trouxe os seus colegas e fizeram um trabalho de renovação gratuito. Os azulejos não são todos iguais, aquilo foi um remendar”, acrescenta a catequista.

“Embora esteja a precisar de obras”, diz o Sacristão, bracarense de gema de 54 anos, não deixa de ser uma “igreja bonita, calma, um lugar de meditação”. De qualquer das formas, Gaspar Ferreira concorda que esta procura de meditação tem vindo a cair em desuso, “há muitos entretenimentos e pais e filhos acabam por se dispersar um bocadinho”.

Após ser interrompido mais de duas vezes pelo telefone, o discurso do Sacristão é suspenso para dar voz à catequista Elisabete de 46 anos. A catequista refere que “o problema da religião não é falta de padres, ou a falta de horários de missa, são as pessoas, a sua mentalidade.”, afirmando que “a parte mais importante da igreja são as pessoas, nós é que somos as pedras vivas”.

Quando questionada sobre medidas que poderiam contrariar esta mentalidade, apresenta propostas que acabaram por não ser levadas a cabo por medo de contínua falta de adesão, correspondendo a “esforços em vão”, como por exemplo, “criar catequese de família, fazerem-se uns convívios, umas palestras, darmos testemunho do que vamos fazendo ao longo desses dias”.

Aponta a passagem de testemunho como o melhor método de propagação da fé e, consequentemente, o aumento de adesão à igreja. “A catequese, como vos digo, não é ensinar o Pai Nosso e o Ave Maria, é termos diálogos abertos, falarmos, vermos e partilharmos o que fizemos em prol do outro” e a igreja deve ser a promotora dessas iniciativas.

Para além de considerar a fé a principal razão de ser de uma igreja, Elisabete também se deslumbra com o monumento em si, “a igreja de São Vicente como edifício é uma igreja lindíssima, em termos de arquitetura, em termos de estética, em termos de imagens, temos santos muito bonitos, uma decoração lindíssima em talha dourada.”

A paróquia da freguesia de São Vicente tem vindo a adaptar-se a todos os constrangimentos, um dos mecanismos que os veio contrariar foi o acompanhamento tecnológico. Foi com a vinda do Sacristão Gaspar, há cinco anos, que esta inovação foi possível, “quando vim para cá trouxe o computador que não havia e passou a usar-se para fazer avisos e informatizar as intenções das missas. É mais prático, é melhor.”

Às portas da celebração da romaria de São Vicente, que se realiza no dia 21 de janeiro, o Cónego João Paulo fala sobre a tradição da fogueira do mártir. A falta de sentido de pertença à igreja também se reflete em celebrações, como é o caso desta “grande tradição que agora se está a perder. Antigamente as crianças, jovens e adolescentes, antes da festa iam de casa em casa buscar lenha para São Vicente e colocavam-na no adro, agora limita-se só a juntar a lenha no adro e a queimá-la”, conta o padre.

Apesar das fogueiras estarem maioritariamente associadas a rituais pagãos, neste caso, isso não acontece, explica João Paulo. Esta tradição é de origem cristã e infere apenas na forma como o mártir morreu, queimado, de modo a invocar o santo. Contudo, muitas vezes este conhecimento não é partilhado pelos paroquianos.

Ainda envolvida na sua típica manta aos quadrados, Natália é questionada pelo seu marido brincalhão se a fogueira “não é por causa das doenças das crianças?”, em resposta, contraria o real sentido da celebração, “eu estou convencida que a fogueira é

uma ligação pagã porque quem matou São Vicente, um jovenzinho de 24 anos, não era católico”.

Entre risos, Natália da Liberdade afirma que, “por incrível que pareça, todos os anos no dia da fogueira chove sempre, não há solução, São Vicente não pode ser queimado outra vez”. A poucos dias da celebração, os paroquianos esperam que este ano o tempo ajude.

Bruna Almeida de Sousa

Catarina de Jesus Caramalho Gonçalves

Paula Beatriz Valença de Lemos